

O LEGADO  
DO GELO



G. F. C. S C O P E L

# O LEGADO DO GELO +



**Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023**  
**Copyright © G F C Scopel, 2022**

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

**Lilian Vaccaro**

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

**Raquel Escobar**

PRODUÇÃO GRÁFICA

**Giovanna Vaccaro**

CAPA

**Sarah Libna**

DIAGRAMAÇÃO

**Michael Vasconcelos**

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

Scopel, G. F. C.

O legado do gelo / G F C Scopel – 1ª edição – São Paulo:  
Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-75-5

CDD: 869.3

---

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título



Rua Coronel Leme, 43 | Centro  
Bragança Paulista | SP | 12.900-340  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)  
Tel.: (11) 9.8020-0810

Em memória de meu querido pai,  
meu exemplo e mentor.



# PREFÁCIO

O que caracteriza um grande artista?

Em *O legado do gelo*, Gustavo Scopel coloca toda sua criatividade e inventividade em ação, proporcionando uma leitura intensa, envolvente e repleta de detalhes de um universo próprio de uma mente artística e inquieta.

A história contempla o gênero Literatura Fantástica, no subgênero Alta Fantasia, e suas formas estruturais de desenvolvimento fazem jus tanto ao gênero quanto ao adjetivo fantástico.

Os diálogos são riquíssimos, porém com linguagem simples; a sofisticação nem sempre está na complexidade das palavras, e sim na profundidade dos argumentos e na competência da transmissão das ideias. Neste quesito, Gustavo Scopel é um verdadeiro mestre.

As ilustrações são um espetáculo à parte, que nos permitem vislumbrar ainda mais com grande riqueza as minúcias de uma obra contemplativa e cativante.

Os personagens se desenvolvem com enorme naturalidade, e as amarrações da trama principal não deixam ninguém sem desfecho, permitindo assim que tenhamos a facilidade em criar vínculos emocionais com “alguns ou muitos” desses incríveis personagens.

O universo contempla criaturas monumentais, jornadas colossais, e todos os desafios das aventuras valem cada capítulo e cada página.

É com grande satisfação que falo sobre esta verdadeira obra-prima e sobre este autor determinado, metódico, criativo e sempre em busca de aprimoramento, dentro das artes e da vida, o que torna Gustavo Scopel um artista fenomenal e completo.

Boa leitura.

**JÚLIO FERRAZ**

03.03.23

# PRELÚDIO

Após conquistar a relíquia proibida de sua Ordem, Pravell já não mais se importava com a sede, a fome ou os flagelos dos dias seguidos no deserto de Khol Naduf. Logo que tomou posse do artefato profano, retornou às pressas pelo último portal, mas, além da adaga umbral feita da garra de alguma besta do mundo antigo, trouxe consigo algo mais.

Enquanto seu corpo era transportado na viagem planar entre os portais, Pravell gradativamente sentia uma presença desconhecida junto de si, uma voz que ecoava do Além-Véu e penetrava sua mente; a princípio como um invasor, que aos poucos passou a ser aceito. Concentrando-se, sabia que aquela voz não era a de sua padroeira soberana. Na realidade, seus tempos de feitiçaria haviam ficado para trás. Pravell perdera seu apadrinhamento elemental e se tornara pária perante a Ordem dos Guardiões do Norte.

Ao retornar às galerias escuras das ruínas arsimérias pelo monumento usado como portal, Pravell continuava ouvindo as tais vozes e sentia a sugestão maligna na mensagem produzida em um idioma desconhecido. Sem sua projeção ocular elemental, não enxergava nada na escuridão. Acendeu então sua última tocha e se deparou com a mesma grande câmara onde sua jornada se

iniciara. Contudo, estava a sós, e não havia sinal de quem ou o quê produzia as vozes tenebrosas que ouvia.

Passou em seguida a questionar sua sanidade. Teria sido vítima de alguma maldição conjurada na relíquia? Teria permanecido tempo demais no plano etéreo de existência? Ou quem sabe algo mais simples, como o resultado de uma insolação combinada à desidratação e à desnutrição... Pravell teve seu raciocínio violentamente interrompido pela dor de mil enxaquecas. Caiu de joelhos, aos berros, contorcendo as expressões e apertando os dentes. Levou as mãos ao rosto, cravando as unhas fundo em sua carne. Por fim, fechou os olhos e, ao estar na escuridão interna de si, vislumbrou o horror encarnado.

Pravell testemunhou nas trevas a sombra mais escura do que a ausência de luz. Um ser colossal, antropoide e fumegante composto por centenas de membros multiarticulados, que serpenteavam no ar em sua direção. Tinha a cabeça como a de uma serpente coroada com chifres ameaçadores, e dezenas de olhos negros ali se arregalaram de maneira horripilante. Por fim, abriu uma bocarra infinita repleta de fileiras de dentes afiados e línguas bífidas, como tentáculos que sibilavam seu nome com diversas vozes em uníssonos, como um hino tétrico.

Em desespero, abriu os olhos e, para seu alívio, a entidade não estava lá, nem a dor ou as vozes de pouco antes. Mas, de forma repentina, Pravell urgia por cometer um crime abominável. Algo impensável até mesmo para alguém que traísse sua própria Ordem. Ou será que não? A ideia de ceifar uma vida utilizando a adaga-garra surgiu em um estalo de dedos. Porém, não poderia ser qualquer vida, não queria enterrar o punhal profano na carne de um criminoso. Pravell sentia a necessidade de abastecer a relíquia com sangue fresco e inocente. Um sacrifício à altura de um ser supremo que lhe concedera a honra da revelação.

Então permaneceu em estado de choque e reflexão com os planos que fazia quase de forma inconsciente. Desejava sair daquelas criptas abissais, esperar até a meia-noite, raptar uma criança, sangrá-la com a adaga e se banhar em seu sangue. Em seguida, contudo, esforçava-se para afastar e resistir a tais pensamentos horríveis. Chegou a cogitar voltar para o Reduto do Vale Ocidental e entregar o artefato nas confiáveis mãos da sábia Latyria, a soberana de sua Ordem. Por fim, compreendeu que não teria forças o bastante para resistir à influência maligna por tantos dias de jornada. Precisava agir logo.

Após longos instantes em estado introspectivo, com olhar hipnotizado pelas últimas chamas da tocha, Pravell agiu, surpreendendo até mesmo a si. Apagou a tocha com as mãos nuas sem se importar com a dor das brasas ardentes a queimar sua pele. Em seguida, arregalou os olhos nas trevas absolutas do amplo salão em busca da figura hedionda que havia visto. Ansiava por sua evocação. Clamava por ouvir as vozes novamente. Lágrimas escorriam de seus olhos, mas permanecia em silêncio.

Pravell, aos poucos, perdia sua referência de tempo. Assim como pouco a pouco perdia os sentidos. Não sentia frio, sede, fome nem o cheiro forte de mofo do recinto. Sua língua parecia amortecida, e seus ouvidos captavam apenas um zumbido distante. Uma forte sensação de vazio e despropósito tomou-lhe de maneira inadvertida. Tentando manter o foco e retomar seu poder de raciocínio, esforçou-se para se concentrar, no entanto apenas para se deparar com mais questionamentos. Pravell já não mais sabia havia quanto tempo estava em estado de transe e submersão em pensamentos conflitantes na escuridão daquele salão ancestral. Teriam passado horas? Apenas alguns instantes? Dias?

Foi quando sua visão passou a se acostumar com a escuridão e a enxergar o grande salão como que em tons de cinza. Pravell

se levantou devagar, ainda sob a confusão de pensamentos e o espanto das novas sensações. De repente, passou a rir de maneira frenética enquanto as mãos agarravam os longos cabelos e os arrancavam aos tufos. A única coisa que chamava sua atenção naquele momento era o diagrama rúnico conjurado no chão próximo à saída da grande câmara. Era o último encantamento deixado por Grathal Kaar.

Pravell cambaleou naquela direção com o apoio de seu velho cajado. Sua mente perturbada lutava consigo mesma em uma tentativa de levar o corpo em direção aos desenhos encriptados no chão e, ao mesmo tempo, tentando desviar daquilo. Soluçava entre risos enlouquecidos ao que suas pernas produziam movimentos espásticos e involuntários. Sua mão percorria o rosto com os dedos pressionados, perdendo as unhas presas e enterradas em sua face ensanguentada. Ao chegar em frente à pintura arcana no chão, o corpo de Pravell pendeu para a frente, quase caindo sobre o diagrama com runas, mas freou e parou de forma não natural em posição que contradiz a lógica. Em seguida, a mão que se apoiava no cajado, símbolo de sua Ordem, moveu-se de maneira errática para a frente, levando a base do bordão contra o encantamento no chão.

Assim que o cajado entrou em contato com o diagrama mágico, a aflição de Pravell chegou ao fim, substituída por chamas, rochas, escuridão e silêncio.



GFC  
SCOPPEL



# I

## A MÃO QUE MOVE AS PEÇAS

Os eventos que transformaram a pacífica e ordeira Caedhur numa cidade amaldiçoada se iniciaram de forma despreziosa em uma manhã fria durante o período da junérea, no escritório de Kurtshov, o conselheiro da jarl do vilarejo nordestino. O homem nortenho de meia-idade estava compenetrado na leitura de manuscritos ancestrais na câmara escura e fechada. De súbito, sua concentração foi perturbada pelo ranger da porta se abrindo. Ele se apressou a esconder os antigos registros em papel amarelado de bordas puídas sob os mapas e os pergaminhos que estavam sobre sua larga mesa, uma escrivaninha iluminada por uma porção de velas em pequenos castiçais arcaicos de ferro fundido e cercada por estantes cheias de livros, pergaminhos e outros itens de estudo.

Ao se virar para a entrada com expressão descontente, pronto para esbravejar contra quem ousava interromper sua pesquisa de forma invasiva, foi forçado a mudar seus planos e, com expressão de espanto, exclamar:

— Jarl Tarin! Existe alguma emergência?

Ele se levantou de sua enorme poltrona coberta por pele de urso, em respeito, observando a mulher nordestina de meia-idade

que entrava no recinto de teto baixo, feito de firmes tábuas de madeira da grande floresta ao sul. Ela caminhou em sua direção, ativa, pelo chão feito de largas peças de pedra cobertas de poeira que o sol não tocava havia dias.

De repente, freou seu avanço, olhou ao redor, ignorando a pergunta, e mirou com os olhos apertados as paredes compostas por grandes blocos de pedra com rejunte em argamassa exposta. Depois observou os móveis rústicos, feitos da mesma madeira do velho bosque. Um sutil cheiro de mofo misturado com aroma de ervas predominava no ambiente. O conselheiro já não o sentia mais, contudo, para ela, era muito marcante.

Ela então retomou seu caminhar na direção do conselheiro, dizendo de forma natural:

– Como vai a família, Kurtshov?

O homem, escondendo a impaciência e a desconfiança, respondeu:

– Não estava preparado para recebê-la, jarl.

Ele prestava bem atenção na governante, tentando captar suas intenções. Ela usava um longo vestido escuro e uma capa curta de peles, que cobria seu corpo de curvas acentuadas. A mulher o encarava com um olhar sereno em um rosto que demonstrava imponência, experiência, sofrimento, mas que havia sido preservado pelo tempo.

– Como vai sua esposa, Kurtshov? Há dias não vejo minha querida e gentil comadre Halgeria.

O conselheiro ficou incomodado, mas soube esconder seus anseios muito bem. Apenas respondeu de forma dissimulada:

– Como posso ajudá-la, minha senhora?

A líder do vilarejo parou à sua frente. Ela admirou o conselheiro por um breve momento. O homem apresentava traços finos para um ultherano. Tinha a barba bem-feita, com cavanhaque, também se diferenciando dos montanheses, que comumente usavam densas

barbas longas. Outra característica que o distinguia de seus conterrâneos era a cor de sua pele. Os ultheranos eram famosos pela cútis clara, no entanto Kurtshov se destacava: era pálido como a neve que caía ao lado de fora, contrastando com os cabelos pretos como a noite, longos até os ombros, as sobrancelhas bem delimitadas, os olhos escuros expressivos naturalmente contornados, e cílios longos. De estatura comum nas Terras Altas, era forte, porém esbelto, esguio, e não robusto como a maioria dos outros ultheranos.

Ela desviou o olhar enquanto os olhos claros tentavam se ajustar à escuridão:

— Ora, Kurtshov. Não posso visitar meu principal conselheiro?

Ele, ainda desconcertado pela interrupção, esforçou-se a se recompor e respondeu de forma educada:

— Isso não é nada ortodoxo. Você deveria ter me chamado até o salão comum.

— O assunto é confidencial até mesmo para o grande hall. Prefiro tratar a sós — respondeu conforme se direcionava à poltrona perto da escrivaninha, onde estavam os papéis misteriosos.

O conselheiro apontou para a cadeira menor, afastada da escrivaninha, e disse:

— Sente-se, jarl Tarin. Por favor. E me conte de que forma posso ajudá-la em assunto tão discreto.

A líder olhou para ele, sorrindo, ao passo que ignorava sua orientação e se sentava na poltrona grande perto dos papéis.

Ele mascarou a preocupação que sentia com um semblante seguro e determinado. O conselheiro não queria que ela tivesse acesso às informações ali presentes. Ao mesmo tempo, a jarl comentou:

— Não sabia que você é um morcego, Kurtshov.

O astuto conselheiro prontamente se pôs a acender as duas tochas presas ao redor da porta e, quando foi abrir a pequena

janela escondida sob uma portinhola de madeira bruta e diversas camadas de pano, ela o repreendeu:

– Não! Deixe a janela fechada. Já está frio o suficiente aqui dentro. E não quero arriscar que nossa conversa seja levada vento afora.

Kurtshov obedeceu e se explicou sem perder a compostura:

– O silêncio, o frio e o escuro fazem bem para meu foco.

Ao que ela aceitou, sentada de forma confortável e com os olhos descansados.

– Você é exótico em suas maneiras, mas é o melhor em toda Ulther.

Ele sorriu.

– Minha eficiência é inspirada em sua liderança, jarl Tarin.

A governante ruborizou e, quando estava para responder de forma lisonjeada, expressou horror e apontou para o canto antes escuro do recinto, bradando:

– Aquilo é o esqueleto de uma criança?

Ainda sem desmontar seu semblante, o conselheiro esclareceu com muita calma:

– Não, minha senhora. Trata-se dos restos preservados de um kasporiano.

– Onde você consegue essas coisas? Ah, já sei! Aquele seu criado jastariano estranho, não é? – comentou ela, recuperando-se do susto.

O anfitrião expressou breve descontentamento com a afirmação de sua líder; ainda assim, respondeu:

– Sim. Mas ele não é apenas um criado. Se não fosse por ele, eu não seria capaz de desempenhar todas as minhas funções.

Tarin, demonstrando fascínio pelo assunto, insistiu:

– Ele é um ilusionista? Estou certa, não? Pode me contar.

Kurtshov sorriu com o canto da boca.

– Não seja preconceituosa, Tarin. Nem todos os jastarianos são adeptos das antigas artes da manipulação mental e visual.

Sem que seus interlocutores pudessem perceber, o diplomata era mestre em se esquivar de respostas e assuntos que não lhe agradavam. Ele sorriu, encarando-a com um olhar profundo e ambíguo, que a fez desviar os olhos.

A curiosa jarl retornou sua atenção ao esqueleto.

– É um de seus projetos? Pesquisas? Por que você precisa dessa coisa?

Kurtshov, com expressão de satisfação, sanou a curiosidade da jarl:

– Para estudar, aprender e entender nossos vizinhos sulistas. Acredito que temos muito mais diferenças do que apenas estatura, cútis e longevidade. Entendo também que nossas civilizações terão mais contato no futuro e conhecê-los será vital para o que quer que venha a ocorrer.

Ela se tornou pensativa e soltou:

– Nunca vi um sulista, sabe? Na realidade, o único forasteiro que conheço é esse seu serviçal medonho.

Kurtshov sorriu e, quando estava prestes a corrigir a jarl na forma como se referiu ao jastariano, ela voltou a atenção para a escrivãzinha e o interrompeu:

– Eu o admiro muito, Kurtshov, sabe disso. Caso contrário, não seria meu principal conselheiro.

Ele acenou com a cabeça em respeito e agradeceu enquanto caminhava devagar em sua direção, escondendo a apreensão.

– Ora, obrigado, jarl Tarin. Mas não sou nada além de seu leal e devoto servo.

O homem parou ao lado da reflexiva mulher, que disse:

– Além de ocupar o posto mais alto em Caedhur abaixo do meu, você ainda arranja tempo para pesquisar e estudar. Admiro sua gana por conhecimento e sabedoria.

Ele a encarou de cima para baixo, preocupado que ela encontrasse as escrituras ancestrais, e respondeu com sua voz envolvente:

– Procuo apenas as ferramentas necessárias para melhor servi-la, jarl.

Ela revezava o olhar entre os papéis na mesa e o homem, mais próximo dela do que a etiqueta mandava. Ele insistiu, tentando capturar a atenção de Tarin, e disse em tom de flerte:

– A admiração que tem por mim é o reflexo do esforço que emprego para ser o melhor para você.

Ele tinha um olhar de luxúria contra ela e apoiou a mão no encosto da poltrona, arqueando-se em sua direção. A mulher ruborizou. A princípio, retribuiu o olhar ao mesmo tempo em que mordeu os lábios, mas logo desviou o rosto, respirou fundo, piscou algumas vezes e disfarçou, voltando o foco à escrivaninha.

Kurtshov, preocupado, deu a volta em sua cadeira, indo para atrás dela, enquanto ela comentava e tentava acompanhar os movimentos do conselheiro com o canto dos olhos.

– Você teria sido um grande Guardiã do Norte, o maior de todos. Fico feliz que isso não tenha acontecido e agora eu possa contar com seu apoio...

O conselheiro se abaixou, e ela sentiu a respiração do homem em seu pescoço. Kurtshov percebeu os pelos dela se arrepiarem, então sussurrou em seu ouvido:

– Sua sabedoria e competência só são ofuscadas por sua beleza sem igual. Pode contar comigo para qualquer coisa.

Ela virou o rosto em sua direção e, quando seus lábios estavam prestes a se tocar, o som da porta emperrada anunciou um novo intruso no escritório, que chegava aos berros:

– Kurts! Nós conseguimos, encontramos!

O jovem esbaforido exclamava sem mesmo estar completamente dentro do escritório. Contudo, logo que fechou a porta atrás de si e se deparou com a jarl, então de pé ao lado do conselheiro, seu rosto se tornou vermelho de vergonha. Ele se curvou e suplicou:

– Perdão, minha senhora. Vou deixá-los e retorno em momento mais oportuno.

Tratava-se de um homem de cabelos castanhos curtos, muito bem cuidados e penteados, com barba rala, mas muito bem delineada no rosto. De físico esbelto e forte, assim como o conselheiro, distinguia-se da maioria de seus conterrâneos na apresentação e no aspecto físico. Usava um gibão longo e acolchoado sob a cota média de escamas debaixo de uma couraça metálica leve que lhe cobria apenas o peitoral. Trazia um cinto igualmente leve de couro, enrolado várias vezes sobre a armadura, ao qual estava presa a bainha de uma espada curta de cabo adornado.

Antes do soldado envergonhado se retirar, a soberana o interrompeu de maneira imponente:

– Não, capitão Tomhir. Fique e conclua o que estava dizendo. Que assunto importante você trouxe a Kurtshov antes de levá-lo ao meu conhecimento?

O jovem capitão se levantou devagar. Mirou os olhos castanhos para o conselheiro de forma confusa enquanto Kurtshov, por sua vez, retribuiu-lhe um olhar enfurecido, com respiração acelerada e punho cerrado. O conselheiro, porém, recompôs-se para não permitir que a jarl percebesse seu repentino estado de raiva ao que o capitão gaguejava:

– Er... É sobre... Eu...

Ela deu um passo em sua direção, com olhar intimidador.

– Sim? Você estava pronto para anunciar algo apenas um instante atrás e agora se tornou tolo?

Ele desviou o olhar da expressão odiosa de Kurtshov, olhou para a jarl, baixou os olhos junto dos ombros em sinal de derrota e anunciou de forma desanimada:

– Os escavadores encontraram a entrada das minas ancestrais.

A jarl virou o rosto para Kurtshov, que a encarou com expressão tranquila, e anunciou:

– Finalmente! Esta é uma notícia interessante.

Jarl Tarin foi interrompida por Kurtshov, que se aproximou dela, tocou seu braço com gentileza e explicou de forma educada:

– Eu queria ser o primeiro a lhe trazer tal notícia, Tarin. Junto de um plano de como procedermos a respeito.

Ela sorriu. Ele não tinha certeza se por satisfação ou ironia. E então quem se pronunciou foi o capitão, constrangido:

– Perdão, minha senhora. Agora devo me retirar. Com sua licença...

Mas ela respondeu de forma imperativa:

– Não. Permaneça e ouça o que tenho a dizer, pois esta foi a única razão pela qual vim até este escritório frio e escuro. – Kurtshov lançou sobre ela um olhar malicioso e um sorriso de canto de boca. Ela apenas prosseguiu: – Minhas orientações servem para vocês dois. Sei o quanto está ansioso para explorar as galerias subterrâneas de Caedhur, Kurtshov, mas você vai aguardar minha ordem para isso.

A expressão no rosto do conselheiro se tornou uma de desconfiança e de desânimo, e ele disse devagar:

– É claro, jarl. Posso saber o motivo de esperarmos?

Ela se virou de frente para ele, levou a mão ao seu ombro e deixou escapar um largo sorriso.

– Agi contra seus conselhos pela primeira vez desde que se tornou meu braço direito, nobre amigo.

Ele se esforçou para se manter inabalável frente ao anúncio de sua líder e permaneceu sério, acenando com a cabeça em aceitação.

No entanto, logo que ela virou de costas e iniciou seu vagaroso caminhar em direção à porta, Kurtshov se tornou inquieto e apelou:

– Posso saber o que exatamente a senhora fez?

Ele já desconfiava do que seria revelado, porém precisava ter certeza. Chegando perto da porta, ela apenas avisou, sem se virar para trás:

– Convoquei uma equipe de especialistas em segredo. Vocês descerão juntos assim que eles chegarem. Mas não se preocupe, Kurtshov, eles devem estar próximos. Enviei os pombos da rocha antes do outono e as respostas voltaram há duas luas cheias.

Ela riu, o jovem capitão abriu a porta para que ela passasse, e o conselheiro, sem esconder seu descontentamento, insistiu:

– Quem você chamou, Tarin?

Ela se virou para trás com um sorriso enquanto ele, tentando esconder a expressão de derrota, ouviu:

– Uma conhecedora de ruínas ancestrais dos Primeiros e um Guardião do Norte. Ambos ficaram muito contentes com meu convite.

Kurtshov apertou os olhos. Zangado, rangeu os dentes, abaixou a cabeça e acelerou até a porta, exclamando:

– Qual Guardião?!

Ela respondeu do outro lado, seguindo pelo corredor que levava para fora da habitação:

– Ora, você sabe qual.

Inconformado, Kurtshov reclamou junto da porta:

– Apenas diga o nome!

E para seu repúdio, ouviu do fundo do caminho:

– Krohagen!

Ao que ele bradou imediatamente:

– Bah! O pior de todos!

E bateu a porta, fechando-se no escritório com um praguejar.